

Calçada de Carriche

Â Â Â Â

"LuÃ-sa sobe,
sobe a calÃsada,
sobe e nÃo pode
que vai cansada.
Sobe, LuÃ-sa,
LuÃ-sa, sobe,
sobe que sobe
sobe a calÃsada.
Saiu de casa
de madrugada;
regressa a casa
Ã jÃ noite fechada.
Na mÃo grosseira,
de pele queimada,
leva a lancheira
desengonÃsada.
Anda, LuÃ-sa,
LuÃ-sa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calÃsada.

LuÃ-sa Ã nova,
desenxovalhada,
tem perna gorda,
bem torneada.
Ferve-lhe o sangue
de afogueada;
saltam-lhe os peitos
na caminhada.
Anda, LuÃ-sa.
LuÃ-sa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calÃsada.

Passam magalas,
rapaziada,
palpam-lhe as coxas
nÃo dÃ por nada.
Anda, LuÃ-sa,
LuÃ-sa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calÃsada.

Chegou a casa
nÃo disse nada.
Pegou na filha,
deu-lhe a mamada;
bebeu a sopa
numa golada;
lavou a loiÃsa,
varreu a escada;
deu jeito Ã casa
desarranjada;
coseu a roupa
jÃ remendada;
despiu-se Ã pressa,
desinteressada;

caiu na cama
de uma assentada;
chegou o homem,
viu-a deitada;
serviu-se dela,
não deu por nada.
Anda, Luísa.
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada.
Na manhã d'óbil,
sem alvorada,
salta da cama,
desembestada;
puxa da filha,
dê-lhe a mamada;
veste-se à pressa,
desengonçada;
anda, ciranda,
desaustinada;
range o soalho
a cada passada,
salta para a rua,
corre aêdada,
galga o passeio,
desce o passeio,
desce a calçada,
chega à oficina
à hora marcada,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga;
toca a sineta
na hora aprazada,
corre à cantina,
volta à toada,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga,
puxa que puxa,
larga que larga.
Regressa a casa
à já noite fechada.
Luísa arqueja
pela calçada.
Anda, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada,
sobe que sobe,
sobe a calçada,
sobe que sobe,
sobe a calçada.
Anda, Luísa,
Luísa, sobe,
sobe que sobe,
sobe a calçada."

Antônio Gedeão, in Teatro do Mundo